

1. (Eear 2019) Leia:

I. Fábio aspirou o perfume das flores.

II. O candidato aspirava a tal vaga do processo seletivo.

Em função da regência do verbo “aspirar”, considerando a norma gramatical, marque a alternativa correta.

- a) As sentenças I e II estão corretas, porém, em II, é possível apagar a preposição “a”, posposta ao verbo “aspirava”, mantendo a correção gramatical e o sentido do enunciado.
- b) A sentença I está correta. A sentença II apresenta erro de regência percebido pela presença da preposição “a”, indevidamente colocada após o verbo.
- c) As sentenças I e II estão corretas. Ambas as regências do verbo “aspirar” estão de acordo com a norma gramatical.
- d) Somente a sentença II está correta. Houve erro de regência verbal na sentença I.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) abaixo refere(m)-se ao texto a seguir.

Um muro para pichar

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No *Facebook*, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.

“O caminho se faz caminhando”, essa frase genial, tão forte e certa do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

De repente, vejo um prédio inteiro marcado por riscos sem sentido e me calo. Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão. As explicações prosseguem: grafite é arte, pichar é vandalismo. O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro da lama de Woodstock em letras garrafais: “Não importam os motivos da guerra, a paz é muito mais importante”.

Feito uma folha deslizando pelas águas correntes do rio me surge a imagem de John Lennon; junto dela, outra frase: “O sonho não acabou”, um tanto modificada pela minha mão, tornando-se: o sonho nunca acaba. E minha cabeça já se transforma num muro todo branco.

Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão, os homens das cavernas deixaram pichados nas rochas diversos sinais. Num ato impulsivo, comprei uma tinta *spray*, atravessei a rua chacoalhando a lata e assim prossegui até chegar à minha sala, abraçado pela ansiedade aumentada a cada passo. Coloquei o dedo no gatilho do *spray* e fiquei respirando fundo, juntando coragem e na mente desenhando a primeira frase para pichar, um tipo de lema, aquela do Lô Borges: “Os sonhos não envelhecem” – percebo, num sorrir de canto de boca, o quanto os sonhos marcam a minha existência.

Depois arriscaria uma frase que criei e gosto: “A lagarta nunca pensou em voar, mas daí, no espanto da metamorfose, lhe nasceram asas...”. Ou outra, completamente tola, me ocorreu depois de assistir a um documentário, convencido de que o panda é um bicho cativante, mas vive distante daqui e sua agonia não é menor das dos nossos bichos. Assim pensando, as letras duma nova pichação se formaram num estalo: “Esqueçam os pandas, salvem as jaguatiricas!”.

No muro do cemitério, escreveria outra frase que gosto: “Em longo prazo estaremos todos mortos”, do

John Keynes, que trago comigo desde os tempos da faculdade. Frases de túmulos ganhariam os muros; no de Salvador Allende está consagrado, de autoria desconhecida: “Alguns anos de sombras não nos tornarão cegos.” Sempre apegado aos sonhos, picharia também uma do Charles Chaplin: “Nunca abandone os seus sonhos, porque se um dia eles se forem, você continuará vivendo, mas terá deixado de existir”.

Claro, eu poderia escrever essas frases num livro, num caderno ou no papel amassado que embrulha o pão da manhã, mas o muro me cativa, porque está ao alcance das vistas de todos e quero gritar para o mundo as frases que gosto; são tantas, até temo que me falem os muros. Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar... “É preciso muito tempo para se tornar jovem”, de Picasso, “Há um certo prazer na loucura que só um louco conhece”, de Neruda, “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarzinho”, cravada por Mário Quintana...

Encerro com Nietzsche: “Isto é um sonho, bem sei, mas quero continuar a sonhar”, que serve para exemplificar o que sinto neste momento, aqui na minha sala, escrevendo no computador o que gostaria de jogar nos muros lá fora, a custo me mantendo calmo, um olho na tela, outro voltado para o lado oposto da rua. Lá tem aquele muro enorme, branco e virgem, clamando por frases. Não sei quanto tempo resistirei até puxar o gatilho do *spray*.

Adaptado de: ALVEZ, A. L. Um muro para pichar. *Correio do Estado*, fev 2018. Disponível em <<https://www.correiodoestado.com.br/opiniaio/leia-acronica-de-andre-luiz-alvez-um-muro-para-pichar/321052/>> Acesso em: ago. 2018.

2. (Ita 2019) Por ser uma crônica, o texto apresenta formas coloquiais, que por vezes distanciam o texto da norma-padrão da língua portuguesa. Assinale a alternativa em que ocorre desvio da norma culta.

- a) Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão.
- b) O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro da lama de Woodstock [...]
- c) Depois arriscaria uma frase que criei e gosto [...]
- d) Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão [...]
- e) Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar...

3. (Espcex (Aman) 2017) Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do pronome relativo.

- a) Aquele era o homem do qual Miguel devia favores.
- b) Eis um homem de quem o caráter é excepcional.
- c) Refiro-me ao livro que está sobre a mesa.
- d) Aquele foi um momento onde eu tive grande alegria.
- e) As pessoas que falei são muito ricas.

4. (Eear 2017) Leia:

- I. Encontrei a pessoa certa.
- II. Falei sobre os olhos dela.

Ao unir as duas orações, subordinando a II a I, mantendo o mesmo sentido que cada uma apresenta e usando adequadamente os pronomes relativos, tem-se:

- a) Encontrei a pessoa certa sobre cujos olhos dela falei.
- b) Encontrei a pessoa certa sobre os olhos dela falei.
- c) Encontrei a pessoa certa sobre cujos olhos falei.

d) Encontrei a pessoa certa cujos olhos falei.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

FAVELÁRIO NACIONAL

Carlos Drummond de Andrade

Quem sou eu para te cantar, favela,
Que cantas em mim e para ninguém
a noite inteira de sexta-feira
e a noite inteira de sábado
E nos desconheces, como igualmente não te
conhecemos?

Sei apenas do teu mau cheiro:
Baixou em mim na viração,
direto, rápido, telegrama nasal
anunciando morte... melhor, tua vida.

...

Aqui só vive gente, bicho nenhum
tem essa coragem.

...

Tenho medo. Medo de ti, sem te conhecer,
Medo só de te sentir, encravada
Favela, erisipela, mal-do-monte
Na coxa flava do Rio de Janeiro.

Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver
nem de tua manha nem de teu olhar.
Medo de que sintas como sou culpado
e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.

Custa ser irmão,
custa abandonar nossos privilégios
e traçar a planta
da justa igualdade.

Somos desiguais
e queremos ser
sempre desiguais.

E queremos ser
bonzinhos benévolos
comedidamente
sociologicamente
mui bem comportados.

Mas, favela, *ciao*,
que este nosso papo
está ficando tão desagradável.
vês que perdi o tom e a empáfia do começo?

...

(ANDRADE, Carlos Drummond de, *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984)

5. (Epcar (Afa) 2016) Em uma das opções abaixo, percebe-se que o verbo foi utilizado de forma coloquial, não seguindo a rigidez imposta pelas regras gramaticais. Assinale a opção em que há essa ocorrência.

- a) “E nos desconheces, como igualmente não te conhecemos?”
- b) “Custa ser irmão/ custa abandonar nossos privilégios”
- c) “vês que perdi o tom e a empáfia do começo?”
- d) “Aqui só vive gente, bicho nenhum/ tem essa coragem.”

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

FELICIDADE CLANDESTINA

Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não

escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando-me mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Com base no texto acima, **responda** à(s) questão(ões) a seguir.

6. (Efomm 2016) **Assinale** a passagem em que a autora, apesar do uso expressivo do termo, comete, de acordo com a norma culta, um **DESVIO** de regência.

- a) (...) *era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o.*
- b) (...) *continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.*
- c) (...) *e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo.*
- d) *Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo (...)*
- e) (...) *balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

PALAVRAS DO COMANDANTE

“As mulheres estão conquistando cada vez mais espaço na Força Aérea Brasileira. ¹Só em pensar que, em 2002, o efetivo da FAB era composto por, apenas, 3.249 mulheres e que hoje em dia, já somam 9.250, isso

mostra o quanto elas têm se esforçado para ajudar na defesa do país. (...) E, aos poucos, elas alcançam patentes cada vez mais altas. Já existem, inclusive, mulheres Tenente-Coronel e, ²este ano, as primeiras aviadoras chegam ao posto de Capitão. É bem possível que, no futuro, tenhamos mulheres Coronel e, quem sabe, possam chegar ao posto de Oficial-General.”

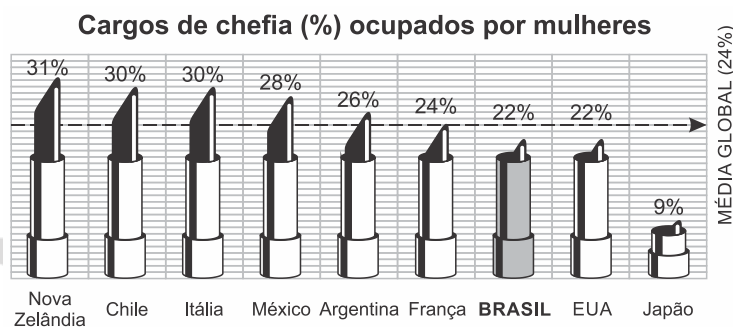
(NOTAER, ano XXXVII/nº3, março de 2014, p.3)

Onde estão as mulheres?

Um novo levantamento mostra que, apesar da entrada em massa no mercado de trabalho, poucas alcançam o topo.

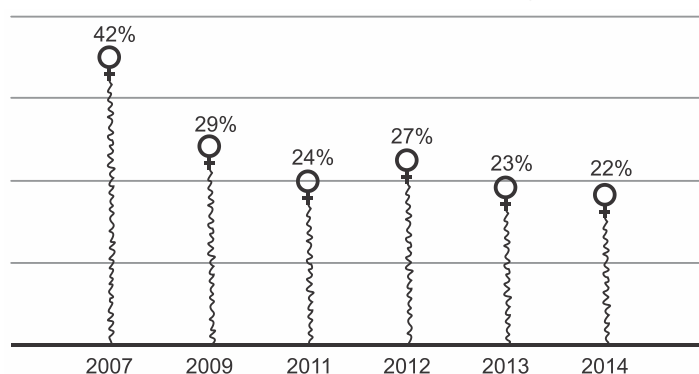
COMPARAÇÃO INTERNACIONAL

No Brasil, há menos cargos de chefia ocupados por mulheres do que em outros países.



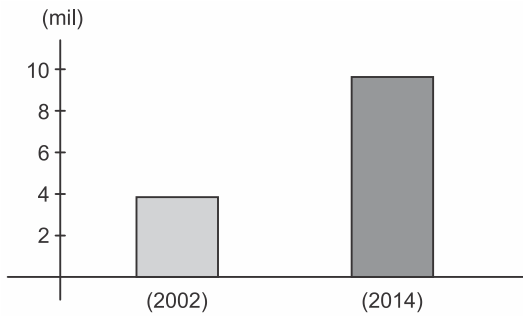
A LUTA CONTINUA

Nos últimos sete anos, o número de cargos de chefia ocupados por mulheres no Brasil caiu quase pela metade.



(*Época*, número 823, 10 de março de 2014. Editora Globo; p.64 -adaptado)

MULHERES NA FAB



(NOTAER, ano XXXVII/nº3, março de 2014, p.7)

7. (Epcar (Afa) 2015) Marque a opção em que a reescrita de trechos retirados dos textos indicados ao lado de cada alternativa permanece de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.

- No Brasil, **existe** menos cargos de chefia ocupados por mulheres do que em outros países. (o verbo “existir” é sinônimo do verbo “haver”, substituindo-o acima corretamente). - “Onde estão as mulheres?”
- Nos últimos anos, o número de cargos de chefia ocupados por mulheres no Brasil **caíram** quase pela metade. (o verbo “cair” concorda, por atração, com o substantivo plural “cargos”). - “A luta continua”
- ... este ano, as primeiras aviadoras chegam **no** posto de Capitão. (a substituição de “ao” para “no” é possível em casos em que o verbo “chegar” não indica lugar físico). - “Palavras do Comandante” - (ref. 2)
- Só **de** pensar que, em 2002, o efetivo da FAB era composto por... (a preposição “em” pode ser substituída corretamente pela preposição “de”). - “Palavras do Comandante” - (ref. 1)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) quest(ões) a seguir.

O reinado do celular

De alto a baixo da pirâmide social, quase todas as pessoas que eu conheço possuem celular. É realmente um grande quebra-galho. Quando estamos na rua e precisamos dar um recado, é só sacar o aparelhinho da bolsa e resolver a questão, caso não dê pra esperar chegar em casa. Pra isso – e só pra isso – serve o telefone móvel, na minha inocente opinião.

Ao contrário da maioria das mulheres, nunca fui fanática por telefone, incluindo o fixo. Uso com muito comedimento para resolver assuntos de trabalho, combinar encontros, cumprimentar alguém, essas coisas realmente rápidas. Fazer visita por telefone é algo para o qual não tenho a menor paciência. Por celular, muito menos. Considero-o um excelente resolvidor de pendências e nada mais.

Logo, você pode imaginar meu espanto ao constatar como essa engenhoca se transformou no símbolo da neurose urbana. Outro dia fui assistir a um show. Minutos antes de começar, o lobby do teatro estava repleto de pessoas falando ao celular. “Vou ter que desligar, o espetáculo vai começar agora”. Era como se todos estivessem se despedindo antes de embarcar para a lua. Ao término do show, as luzes do teatro mal tinham acendido quando todos voltaram a ligar seus celulares e instantaneamente se puseram a discar. Para quem? Para quê? Para contar sobre o show para os amigos, para saber o saldo no banco, para o telehoróscopo?? Nunca vi tamanha urgência em se comunicar à distância. Conversar entre si, com o sujeito ao lado, quase ninguém conversava.

O celular deixou de ser uma necessidade para virar uma ansiedade. E toda ânsia nos mantém reféns.

Quando vejo alguém checando suas mensagens a todo minuto e fazendo ligações triviais em público, não imagino estar diante de uma pessoa ocupada e poderosa, e sim de uma pessoa rendida: alguém que não possui mais controle sobre seu tempo, alguém que não consegue mais ficar em silêncio e em privacidade. E deixar celular em cima de mesa de restaurante, só perdoou se o cara estiver com a mãe no leito de morte e for ligeiramente surdo.

Isso tudo me ocorreu enquanto lia o livro infantil *O menino que queria ser celular*, de Marcelo Pires, com ilustrações de Roberto Lautert. Conta a história de um garotinho que não suporta mais a falta de comunicação com o pai e a mãe, já que ambos não conseguem desligar o celular nem por um instante, nem no fim de semana – levam o celular até para o banheiro. O menino não tem vez. Aí a ideia: se ele fosse um celular, receberia muito mais atenção.

Não é história da carochinha, isso rola pra valer. Adultos e adolescentes estão virando dependentes de um aparelho telefônico e desenvolvendo uma nova fobia: medo de ser esquecido. E dá-lhe falar a toda hora, por qualquer motivo, numa esquizofrenia considerada, ora, ora, moderna.

Os celulares estão cada dia menores e mais fininhos. Mas são eles que estão botando muita gente na palma da mão.

(MEDEIROS, Martha. *O reinado do celular*. In: ___. *Montanha Russa; Coisas da vida; Feliz por nada*. Porto Alegre, RS: LPM, 2013. p. 369-370.)

8. (Esc. Naval 2015) Em que opção a reescritura do texto está INCORRETA, de acordo com a norma padrão?

- a) “[...] quase todas as pessoas que eu conheço possuem celular.” (1º §) - ... quase todas as pessoas as quais conheço possuem celular.
- b) “[...] caso não dê pra esperar chegar em casa.” (1º §) - ... caso não dê para esperar chegar a casa.
- c) “Fazer visita por telefone é algo para o qual não tenho a menor paciência.” (2º §) – Fazer visita por telefone é algo para que não tenho a menor paciência.
- d) “Outro dia fui assistir a um show.” (3º §) – Outro dia fui assistir um show.
- e) “Nunca vi tamanha urgência em se comunicar à distância.” (3º §) – Nunca vi tamanha urgência em se comunicar a distância.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

GATES E JOBS

Quando as órbitas se cruzam

⁷Em astronomia, quando as órbitas de duas estrelas se entrecruzam por causa da interação gravitacional, tem-se um sistema binário. Historicamente, ocorrem situações análogas quando uma era é moldada pela relação e rivalidade de dois grandes astros orbitando: Albert Einstein e Niels Bohr na física no século XX, por exemplo, ou Thomas Jefferson e Alexander Hamilton na condução inicial do governo americano. Nos primeiros trinta anos da era do computador pessoal, a partir do final dos anos 1970, o sistema estelar binário definidor foi composto por dois indivíduos de grande energia, que largaram os estudos na universidade, ambos nascidos em 1955.

Bill Gates e Steve Jobs, apesar das ambições semelhantes no ponto de convergência da tecnologia e dos negócios, ⁵tinham origens bastante diferentes e personalidades radicalmente distintas.

À diferença de Jobs, Gates entendia de programação e tinha uma mente mais prática, mais disciplinada e com grande capacidade de raciocínio analítico. Jobs era mais intuitivo, romântico, e dotado de mais instinto para tornar a tecnologia usável, o design agradável e as interfaces amigáveis. Com sua mania de perfeição, era

extremamente exigente, além de administrar com carisma e intensidade indiscriminada. ³Gates era mais metódico; as reuniões para exame dos produtos tinham horário rígido, e ele chegava ao cerne das questões com uma habilidade ímpar. Jobs encarava as pessoas com uma intensidade cáustica e ardente; Gates às vezes não conseguia fazer contato visual, mas era essencialmente bondoso.

⁴“Cada qual se achava mais inteligente do que o outro, mas Steve em geral tratava Bill como alguém levemente inferior, sobretudo em questões de gosto e estilo”, diz Andy Hertzfeld. “Bill menosprezava Steve porque ele não sabia de fato programar.” Desde o começo da relação, ⁶Gates ficou fascinado por Jobs e com uma ligeira inveja de seu efeito hipnótico sobre as pessoas. Mas também o considerava “essencialmente esquisito” e “estranhamente falho como ser humano”, e se sentia desconcertado com a grosseria de Jobs e sua tendência a funcionar “ora no modo de dizer que você era um merda, ora no de tentar seduzi-lo”. Jobs, por sua vez, via em Gates uma estreiteza enervante.

²Suas diferenças de temperamento e personalidade ¹iriam levá-los para lados opostos da linha fundamental de divisão na era digital. Jobs era um perfeccionista que adorava estar no controle e se comprazia com sua índole intransigente de artista; ele e a Apple se tornaram exemplos de uma estratégia digital que integrava solidamente o hardware, o software e o conteúdo numa unidade indissociável. Gates era um analista inteligente, calculista e pragmático dos negócios e da tecnologia; dispunha-se a licenciar o software e o sistema operacional da Microsoft para um grande número de fabricantes.

Depois de trinta anos, Gates desenvolveu um respeito relutante por Jobs. “De fato, ele nunca entendeu muito de tecnologia, mas tinha um instinto espantoso para saber o que funciona”, disse. Mas Jobs nunca retribuiu valorizando devidamente os pontos fortes de Gates. “Basicamente Bill é pouco imaginativo e nunca inventou nada, e é por isso que acho que ele se sente mais à vontade agora na filantropia do que na tecnologia”, disse Jobs, com pouca justiça. “Ele só pilhava despudoradamente as ideias dos outros.”

(ISAACSON, Walter. *Steve Jobs: a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 189-191. Adaptado)



vidadesuporte.com.br

9. (Epcar (Afa) 2013) Marque a alternativa **INCORRETA** a respeito do trecho abaixo destacado.

“Gates era mais metódico; as reuniões para exame dos produtos tinham horário rígido, e ele chegava ao cerne das questões com uma habilidade ímpar.” (ref. 3)

- a) O ponto e vírgula foi utilizado para separar orações coordenadas que mantêm entre si uma relação de explicação.
- b) O verbo chegar, nesse contexto, admite dupla regência, logo a reescrita chegava no cerne da questão atende à norma padrão da língua.
- c) O termo para exame dos produtos especifica o substantivo reuniões e mantêm com esse termo uma relação semântica de finalidade.
- d) O termo com uma habilidade ímpar subordina-se ao verbo da oração ao qual acrescenta uma circunstância de modo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

VELHO MARINHEIRO

Homenagem aos marinheiros
de sempre... e para sempre.

²⁸Sou marinheiro porque um dia, muito jovem, estendi meu braço diante da bandeira e jurei lhe dar minha vida.

Naquele dia de sol a pino, com meu novo uniforme branco, ²¹senti-me homem de verdade, como se estivesse dando adeus aos tempos de garoto. ²⁹Ao meu lado, as vozes de outros jovens soavam em unísono com a minha, vibrantes, e terminamos com emoção, de peitos estufados e orgulhosos. ⁵Ao final, minha mãe veio em minha direção, apressada em me dar um beijo. ²⁰Acariciou-me o rosto e disse que eu estava lindo de uniforme. ⁶O dia acabou com a família em festa; ¹¹eu lembro-me bem, fiquei de uniforme até de tarde...

Sou marinheiro, porque aprendi, naquela Escola, o significado nobre de companheirismo. ⁷Juntos no sofrimento e na alegria, um safando o outro, leais e amigos. Aprendi o que é civismo, respeito e disciplina, no princípio, exigidos a cada dia; depois, como parte do meu ser e, assim, para sempre. ²³A cada passo havia um novo esforço esperando e, depois dele, um pequeno sucesso. ²⁶Minha vida, agora que olho para trás, foi toda de pequenos sucessos. A soma deles foi a minha carreira.

¹⁹No meu primeiro navio, logo cedo, percebi que era novamente aluno. Todos sabiam das coisas mais do que eu havia aprendido. Só que agora me davam tarefas, incumbências, e esperavam que eu as cumprisse bem. ²Pouco a pouco, passei a ser parte da equipe, a ser chamado para ajudar, a ser necessário. ⁸Um dia vi-me ensinando aos novatos ¹²e dei-me conta de que me tornara marinheiro, de fato e de direito, um profissional! ³²O navio passou a ser minha segunda casa, onde eu permanecia mais tempo, às vezes, do que na primeira. Conhecia todos, alguns mais até do que meus parentes. Sabia de suas manhas, cacoetes, preocupações e de seus sonhos. Sem dar conta, meu mundo acabava no costado do navio.

⁹A soma de tudo que fazemos e vivemos, pelo navio, ¹⁴é uma das coisas mais belas, que só há entre nós, em mais nenhum outro lugar. ²⁴Por isso sou marinheiro, porque sei o que é espírito de navio.

Bons tempos aqueles das viagens, dávamos um duro danado no mar, em serviço, postos de combate, adestramento de guerra, dia e noite. ³⁰O interessante é que em toda nossa vida, ¹⁵quando buscamos as boas recordações, elas vêm desse tempo, das viagens e dos navios. ¹⁶Até ¹³as durezas por que passamos são saborosas ¹ao lembrar, talvez porque as vencemos e fomos adiante.

É aquela história dos pequenos sucessos.

A volta ao porto era um acontecimento gostoso, sempre figurando a mulher. Primeiro a mãe, depois a namorada, a noiva, a esposa. Muita coisa a contar, a dizer, surpresas de carinho. A comida preferida, o abraço apertado, o beijo quente... e o filho que, na ausência, foi ensinado a dizer papai.

³¹No início, eu voltava com muitos retratos, principalmente quando vinha do estrangeiro, depois, com o tempo, eram poucos, até que deixei de levar a máquina. ¹⁰Engraçado, ²²você já perceberam que marinheiro velho dificilmente baixa a terra com máquina fotográfica? Foi assim comigo.

³⁴Hoje os navios são outros, os marinheiros são outros - sinto-os mais preparados do que eu era - mas a vida no mar, as viagens, os portos, a volta, estou certo de que são iguais. Sou marinheiro, por isso sei como é.

Fico agora em casa, querendo saber das coisas da Marinha. E a cada pedaço que ouço de um amigo, que leio, que vejo, me dá um orgulho que às vezes chega a entalar na garganta. ⁴Há pouco tempo, voltei a entrar em um navio. Que coisa linda! ³⁵Sofisticado, limpíssimo, nas mãos de uma tripulação que só pode ser muito competente para mantê-lo pronto. ³³Do que me mostraram eu não sabia muito. Basta dizer que o último navio em que servi já deu baixa. ¹⁷Quando saí de bordo, parei no portaló, voltei-me para a bandeira, inclinei a cabeça... e, minha garganta entalou outra vez.

Isso é corporativismo; não aquele enxovalhado, que significa o bem de cada um, protegido à custa do desmerecimento da instituição; mas o puro, que significa o bem da instituição, protegido pelo merecimento de cada um.

²⁷Sou marinheiro e, portanto, sou corporativista.

Muitas vezes ²⁵a lembrança me retorna aos dias da ativa e morro de saudades. ¹⁸Que bom se pudesse voltar ao começo, vestir aquele uniforme novinho — até um pouco grande, ainda recordo — Jurar Bandeira, ser beijado pela minha falecida mãe...

³Sei que, quando minha hora chegar, no último instante, verei, em velocidade desconhecida, o navio com meus amigos, minha mulher, meus filhos, singrando para sempre, indo aonde o mar encontra o céu... e, se São Pedro estiver no portaló, direi:

– Sou marinheiro, estou embarcando.

Autor desconhecido. In: *Língua portuguesa: leitura e produção de texto*. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, Escola Naval, 2011. p. 6-8)

Glossário

- Portaló: abertura no casco de um navio, ou passagem junto à balaustrada, por onde as pessoas transitam para fora ou para dentro, e por onde se pode movimentar carga leve.

10. (Esc. Naval 2013) Com base nas estruturas linguísticas e nas relações argumentativas, em que opção a alteração proposta manteve o sentido do texto?

- a) “[...] eu lembro-me bem, fiquei de uniforme até de tarde...” (ref. 11) / eu lembro-me bem, fiquei de uniforme até tarde...
- b) “[...] e dei-me conta de que me tornara marinheiro [...]” (ref. 12) / e dei-me conta de que tornara marinheiro
- c) “[...] as durezas por que passamos são saborosas [...]” (ref. 13) / as durezas pelas quais passamos são saborosas
- d) “[...] é uma das coisas mais belas, que só há entre nós [...]” (ref. 14) / é uma das coisas mais belas, que pelo menos há entre nós
- e) “[...] quando buscamos as boas recordações, elas vêm desse tempo [...]” (ref. 15) / quando buscamos as boas recordações elas veem desse tempo

11. (Ita 2005) Considere o texto a seguir.

VOCÊ SE ENCONTRA DENTRO DE UM PARQUE NACIONAL, POR ISSO EVITE:

- FAZER - fogo e fogueiras; barulho, buzinar e som alto; não saia das trilhas ou dos pontos de visitação; pichar, escrever, riscar, danificar imóveis, placas, pedras e árvores; lavar utensílios e roupas nos rios.

(Folheto do Parque Nacional de Itatiaia)

- a) Identifique a inadequação sintática.
- b) Rescreva o texto, eliminando tal inadequação. Faça as modificações necessárias.

12. (Ita 2004) Assinale a opção em que o uso do pronome relativo NÃO está de acordo com a norma padrão escrita.

(Excertos extraídos e adaptados de "Folha de S. Paulo", 1/11/1993.)

- a) [O cineasta sofreu] um derrame, do qual não iria se recuperar mais.
- b) [O rosto e a voz do cineasta] são aqueles os quais estamos acostumados, talvez um pouco mais cansados.
- c) [Estar doente era] uma realidade sobre a qual [o cineasta] não sabia nada, sobre a qual jamais havia pensado.
- d) [Com ele, o cinema] não é mais um meio; torna-se um fim, no qual o autor é a principal referência.
- e) Depois das três cirurgias às quais se submetera, teve um ataque cardíaco.

13. (Ita 2003) Para uma pessoa mais exigente no que se refere à redação, especificamente a construções em que está em jogo a omissão do sujeito, só seria aceitável a alternativa

- a) As mulheres devem evitar o uso de produtos de higiene feminina perfumados, pois podem causar irritações (...) (Infecção urinária. In "A Cidade". Lorena, março/2002, ano IV, n0. 42)
- b) É recomendável também não usar roupas justas, pois assim permite uma boa ventilação (...), o que reduz as chances de infecção. (Infecção urinária. In "A Cidade". Lorena, março/2002, ano IV, n0. 42)
- c) Alguns medicamentos devem ser ingeridos ao levantar-se (manhã), e outros antes de dormir (noite), aproveitando assim seu efeito quando ele é mais necessário. (Boletim informativo sobre o uso de medicamentos, produzido por M & R Comunicações)
- d) Já a rouquidão persistente é sinal de abuso excessivo da voz, o que pode levar à formação de nódulos (calos) ou pólipos, e merecem atenção especial. (Rouquidão: o que é e como ela afeta sua saúde vocal. Panfleto de divulgação do curso de Fonoaudiologia. Lorena, abril de 2001)
- e) As sequelas [causadas pelo herpes] variam de paciente para paciente e podem ou não ser permanentes. (Folha Equilíbrio."Folha de S. Paulo", 27/06/2002, p. 3)

14. (Ita 2002) Leia com atenção a seguinte frase de um letrado publicitário:

Esta é a escola que os pais confiam.

- a) Identifique a preposição exigida pelo verbo e refaça a construção, obedecendo à norma gramatical.
- b) Justifique a correção.

15. (Ime 1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.

- a) "Tome esse chope o quanto antes para que a gente possamos conhecer a Baía de Guanabara, que todos

falam mil maravilhas."

b) "Todos visamos o êxito dessa missão; por isso é que se obedecem, a risca, as ordens superiores."

Fábrica

D

Gabarito:

Resposta da questão 1:

[C]

[A] Incorreta. Apesar de as sentenças estarem corretas, em II não é possível suprimir a preposição, uma vez que o sentido seria trocado (“inspirar, inalar”) e se perderia a correção gramatical.

[B] Incorreta. Ambas estão corretas.

[C] Correta. Quando transitivo direto, o verbo é sinônimo de “inspirar, inalar”; quando indireto, torna-se sinônimo de “desejar”.

[D] Incorreta. Ambas estão corretas.

Resposta da questão 2:

[C]

Apenas a alternativa [C] apresenta desvio de padrão da norma culta no paralelismo formado entre os verbos “criar” e “gostar”. Uma vez que a regência de ambos é diferente, é necessário que cada um deles respeite o regime de preposições: “Criar” é transitivo direto, logo o primeiro trecho está correto segundo a norma culta; já “gostar” é transitivo indireto, e requer a preposição “de” antecedendo o pronome relativo.

A reelaboração segundo a norma culta é: “Depois arriscaria uma frase que criei e de que (ou da qual) gosto”.

Resposta da questão 3:

[C]

As opções [A], [B], [D] e [E] apresentam frases com incorreções que, para atender às exigências da gramática normativa, deveriam ser substituídas por:

[A] Aquele era o homem **ao qual** Miguel devia favores;

[B] Eis um homem **cujo** caráter é excepcional;

[D] Aquele foi um momento **em que** eu tive grande alegria;

[E] As pessoas **de que** (com, sobre) falei são muito ricas.

Assim, é correta apenas a opção [C].

Resposta da questão 4:

[C]

O verbo “falar”, no sentido de “conversar”, é transitivo indireto e exige a preposição “sobre”. Para subordinar a oração [II] à [I], é necessário um pronome relativo que estabeleça a ideia de posse, para substituir “dela” (preposição “de” + pronome pessoal reto “ela”). Assim, o período correto é: “Encontrei a pessoa certa sobre cujos olhos falei”.

Resposta da questão 5:

[B]

De acordo com a norma culta da Língua Portuguesa, o verbo custar, no sentido de ser difícil ou doloroso, é verbo transitivo indireto, exigindo, portanto, um complemento – um objeto indireto.

Resposta da questão 6:

[A]

O verbo dormir é intransitivo; uma vez que lhe é acrescida uma circunstância de companhia, é imprescindível o emprego da preposição “com”: “dormindo com ele”. Vale ressaltar que essa opção, ainda que correta do ponto de vista gramatical, interferiria no paralelismo das orações.

Resposta da questão 7:

[D]

[A] *No Brasil **existem** menos cargos.* O verbo existir concorda com o sujeito: menos cargos.

[B] (...) *o número de cargos ocupados por mulheres **caiu**.* Neste caso, o verbo concordará com o vocábulo número.

[C] (...) *as primeiras aviadoras **chegam ao** posto (...)* o verbo chegar com sentido denotativo de alcançar deve vir sob regência da preposição a

[D] **Correta.** Questão difícilíssima que exige uma reflexão a respeito da colocação e da regência dignas de um especialista e não de um candidato. O verbo *pensar* na posição de um VTI exigirá preposição *em*, ou seja, *só em pensar*. Por outro lado, a partícula denotativa *só* com sentido de somente virá regida com a preposição *de*, como nos exemplos: *só de falar em você*; *só de pagar por isso*, *só de pensar que*. Sendo assim, pode-se usar as preposições *em* ou *de* sem prejuízo de sentido, porque pode-se utilizar tanto a regência do advérbio *só* quanto a regência do verbo *pensar*.

Resposta da questão 8:

[D]

O verbo *assistir* com a função de ver algum filme ou espetáculo deve vir acompanhado de sua regência: a preposição *a*. No entanto, o verbo *assistir* sem a preposição tem sentido de dar assistência a alguém, algum enfermo, por exemplo. Por sua vez, o verbo *assistir* com o sentido de ver alguma coisa com a omissão da regência obrigatória da preposição é um coloquialismo tipicamente brasileiro, ou seja, não corresponde aos padrões da norma culta.

Resposta da questão 9:

[B]

Todas as opções apresentam afirmações pertinentes, exceto [B], pois o verbo “chegar” é intransitivo com locução adverbial de lugar que deve ser precedida da preposição “a”, e não “em”.

Resposta da questão 10:

[C]

Em [A], o advérbio de tempo “de tarde” remete ao período vespertino, sem correspondência com “tarde”.

Em [B], o pronome pessoal do caso oblíquo é referência do verbo “tornar”: na reescrita, perdeu-se a ideia de que o próprio narrador se tornara marinheiro.

Em [C], houve apenas a troca do pronome relativo “por que” por “pelas quais”, mantendo a concordância.

Em [D], “só” e “menos” não são advérbios sinônimos. A 1ª ocorrência é sinônimo de “apenas”, a 2ª remete a ideia de “restar” algo entre os envolvidos.

Em [E], trocou-se incorretamente o verbo “vir” pelo verbo “ver”.

Resposta da questão 11:

a) Falta de paralelismo.

1^o. caso: o verbo "fazer" é transitivo direto e deveria ser seguido de substantivo com função de objeto direto.

2^o. caso: a partir de "não saia das trilhas", o texto remete somente ao verbo "evitar", e pede uma sequência de infinitivos.

b) " Evite fazer fogo e fogueiras; barulhos e som alto".

" Evite buzinar, sair das trilhas ou dos pontos de visitação; pichar, escrever".

Resposta da questão 12:

[B]

Resposta da questão 13:

[E]

Resposta da questão 14:

a) O verbo "confiar" exige a preposição "em". O correto seria:

Esta é a escolha em que os pais confiam.

b) O pronome relativo "que" vem acompanhado pela preposição "em", pois foi exigida pelo verbo "confiar".

Resposta da questão 15:

a) Tome esse chope o quanto antes para que NÓS possamos conhecer a Baia de Guanabara, DE que todos falam maravilhas.

b) Todos nós visamos AO êxito dessa missão; POR ISSO é que DEVEMOS OBEDECER, à risca,  S ordens superiores.